

Júlio Verne
Os Filhos do Capitão Grant II

SEGUNDA PARTE

I O REGRESSO A BORDO

Os primeiros instantes foram consagrados à felicidade de se reverem. Lorde Glenarvan não quisera que o insucesso das buscas esfriasse a alegria no coração dos amigos. Assim, as suas primeiras palavras foram estas:

- Confiança, meus amigos, confiança! O capitão Grant não está conosco, mas temos a certeza de o encontrar.

Nada mais era preciso do que esta segurança para devolver a esperança aos passageiros do Duncan.

Com efeito, Lady Helena e Mary Grant, enquanto a embarcação se dirigia ao iate, tinham sentido as mil e uma angústias da espera. Do alto do tombadilho, tentavam contar aqueles que regressavam a bordo. A jovem ora desesperava, ora, pelo contrário, imaginava ver Harry Grant. O seu coração palpitava; não conseguia falar, mal se agüentava. Lady Helena rodeava-a com os braços. John Mangles, em observação junto delas, calava-se; os seus olhos de marinheiro, tão habituados a distinguir os objetos longínquos, não viam o capitão.

- Está ali! Vem além! Meu pai! - murmurava a jovem.

Mas, aproximando-se a lancha pouco a pouco, a ilusão tornou-se impossível. Os viajantes não estavam ainda a cem braças de bordo quando não apenas Lady Helena e John Mangles, mas a própria Mary, com os olhos banhados em lágrimas, perderam toda a esperança. Era tempo de Lorde Glenarvan chegar e fazer ouvir as suas tranqüilizadoras palavras.

Depois dos primeiros abraços, Lady Helena, Mary Grant e John Mangles foram postos ao corrente dos principais incidentes da expedição e, antes de tudo, Glenarvan deu-lhes a conhecer aquela nova interpretação do documento devida à sagacidade de Jacques Paganel. Fez também o elogio de Robert, de quem Mary tinha razão para estar orgulhosa. A sua coragem, a sua dedicação, os perigos que correra, tudo isto foi salientado por Glenarvan, a ponto de o jovem rapaz não saber onde se esconder, se os braços da irmã lhe não tivessem oferecido um refúgio.

- Não cores, Robert - disse John Mangles -, portaste-te como um digno filho do capitão Grant!

Estendeu os braços para o irmão de Mary e apoiou os lábios sobre as suas faces ainda húmidas das lágrimas da jovem.

Só falamos aqui para que se recorde do acolhimento recebido pelo major e pelo geógrafo e da recordação com que honraram o generoso Thalcave. Lady Helena lamentou não poder apertar a mão do bravo índio. Mac Nabbs, depois das primeiras efusões, fora para o seu camarote, onde fez a barba com uma mão calma e segura. Quanto a Paganel, andava de um lado para outro, como uma abelha,

colhendo o suco dos cumprimentos e dos sorrisos. Quis abraçar toda a tripulação do Duncan e, defendendo que Lady Helena fazia parte dela tal como Mary Grant, começou a sua distribuição por elas para acabar no Sr. Olbinett.

O mordomo julgou não poder reconhecer melhor uma delicadeza destas a não ser anunciando o almoço.

- O almoço! - exclamou Paganel.

- Sim, Sr. Paganel - respondeu Mr. Olbinett.

- Um autêntico almoço, numa mesa autêntica, com uma toalha e talheres?

- Sem dúvida, Sr. Paganel.

- E não comeremos nem charque, nem ovos cozidos, nem bifés de avestruz?

- Oh! Senhor! - respondeu o chefe de mesa, humilhado na sua arte.

- Não quis ofendê-lo, meu amigo - disse o sábio com um sorriso. - mas, de há um mês a esta parte, era esse o nosso costume, jantávamos, não sentados à mesa, mas deitados no chão, a menos que estivéssemos escarranchados em cima de árvores.

Esse almoço que acaba de anunciar pareceu-me um sonho, uma ficção, uma quimera!

- Pois bem, vamos verificar a realidade, Sr. Paganel - respondeu Lady Helena, que não conseguia deixar de rir.

- Eis o meu braço - disse o galante geógrafo.

- Vossa Honra não tem ordens a dar-me para o Duncan? - perguntou John Mangles.

- Depois do almoço, meu caro John - disse Glenarvan -, discutiremos em família o programa da nossa nova expedição.

Os passageiros do iate e o jovem capitão desceram ao salão. Deram ordens ao engenheiro para se manter em pressão, a fim de partir ao primeiro sinal. O major, barbeado de fresco, e os viajantes, depois de se arranjarem rapidamente, ocuparam os seus lugares à mesa.

Fizeram elogios ao almoço de Mr. Olbinett. Foi declarado excelente, mesmo superior aos esplêndidos festins das Pampas. Paganel repetiu cada um dos pratos, "por distração", disse ele.

Esta desastrosa palavra levou Lady Helena a perguntar se o amável francês caíra por vezes no seu pecado habitual. O major e Lorde Glenarvan olharam um para o outro sorrindo. Quanto a Paganel, desatou a rir, francamente, e comprometeu-se, pela sua honra", a nunca mais cometer uma única distração durante toda a viagem; depois, fez de uma maneira muito divertida a descrição da sua desdita e dos seus profundos estudos sobre a obra de Camões.

- Afinal - acrescentou para terminar -, há males que vêm por bem, e não lamento o meu erro.

- E porquê, meu digno amigo? - perguntou o major.

- Porque não apenas sei espanhol, mas também português. Falo duas línguas em vez de uma!

- Palavra de honra que não tinha pensado nisso – respondeu Mac Nabbs. - Os meus cumprimentos, Paganel, os meus sinceros cumprimentos!

Aplaudiram Paganel, que não perdia uma dentada. Comia e conversava ao mesmo tempo. Mas não reparou numa particularidade que não escapou a Glenarvan: foram as atenções de John Mangles para com a sua vizinha Mary Grant. Um leve sinal de Lady Helena ao marido informou-o de que era «assim»! Glenarvan olhou para os dois jovens com uma afetuosa simpatia e interpelou John Mangles, mas sobre uma coisa totalmente diferente.

- E a sua viagem, John - perguntou-lhe -, como se passou?

- Nas melhores condições - respondeu o capitão. - Só que devo informar Vossa Honra de que não retomamos a rota do estreito de Magalhães.

- Bom! - exclamou Paganel. - Dobraram o cabo Horn, e eu não estava lá!

- Enforque-se! - disse o major.

- Egoísta! É para ficar com a minha corda que me dá esse conselho! - replicou o geógrafo.

- Vejamos, meu caro Paganel - respondeu Glenarvan -, a menos que se seja dotado do dom da ubiqüidade, não se pode estar em todo o lado. Ora, dado que percorria a planície das Pampas, não podia ao mesmo tempo dobrar o cabo Horn.

- Isso não me impede de lamentar - respondeu o sábio.

Mas não o aborreceram mais e deixaram-no com esta resposta. John Mangles retomou então a palavra e fez o relato da sua viagem. Ao costear a América, observara todos os arquipélagos ocidentais sem encontrar nenhum vestígio da Britannia. Chegado ao cabo Pilares, à entrada do estreito, e encontrando o vento pela proa, fez rumo a sul; o Duncan costeou as ilhas da Desolação, subiu até ao grau 67 de latitude austral, dobrou o cabo Horn, passou ao longo da Terra de Fogo e, atravessando o estreito de Le Maire, seguiu as costas da Patagônia. Aí, sentiu golpes de vento terríveis à altura do cabo Corrientes, os mesmos que acometeram tão violentamente os viajantes durante a tempestade. Mas o iate comportou-se bem e há três dias que John Mangles bordejava ao largo, quando as detonações da carabina lhe assinalaram a chegada dos viajantes, tão impacientemente esperados. Quanto a Lady Glenarvan e a Miss Grant, o capitão do

Duncan seria injusto se não reconhecesse a sua rara intrepidez.

A tempestade não as atemorizou e, se manifestaram alguns receios, foi ao pensarem nos amigos, que erravam então nas planícies da república argentina.

Terminou deste modo o relato de John Mangles; foi seguido das felicitações de Lorde Glenarvan. Depois, este, dirigindo-se a Mary Grant:

- Minha querida miss - disse -, vejo que o capitão John presta homenagem às suas grandes qualidades, e estou feliz por pensar que não se aborrece nada a bordo do seu navio!

- Como poderia ser de outra forma? - respondeu Mary, olhando para Lady Helena..., e talvez também o jovem capitão.

- Oh! A minha irmã gosta muito de si, Sr. John – exclamou Robert. - E eu também gosto!

- E eu também de ti, meu filho! - respondeu John Mangles, um pouco desconcertado com as palavras de Robert, que provocaram um leve rubor no rosto de Mary Grant.

Depois, levando a conversa para um terreno menos palpitante, John Mangles acrescentou:

- Uma vez que acabei de contar a viagem do Duncan, quererá Vossa Honra dar-nos alguns pormenores sobre a travessia da América e os feitos do nosso jovem herói?

Nenhum relato podia ser mais agradável a Lady Helena e a Miss Grant. Assim, Lorde Glenarvan apressou-se a satisfazer a sua curiosidade. Contou, incidente por incidente, toda a sua viagem de um oceano a outro. A passagem da cordilheira dos Andes, o tremor de terra, o desaparecimento de Robert, a morte do condor, o tiro de Thalcave, o episódio dos lobos vermelhos, a dedicação do jovem rapaz, o sargento Manuel, a inundação, o refúgio no ombu, a trovoada, o incêndio, os caimões, a tromba, a noite à beira do Atlântico, diversos pormenores, alegres ou terríveis, vieram alternadamente excitar a alegria e o medo dos auditores. Muitas circunstâncias foram contadas que valeram a

Robert as carícias da irmã e de Lady Helena. Nunca criança alguma se viu tão bem beijada... e por duas amigas mais entusiastas.

Quando Lorde Glenarvan terminou a sua história, acrescentou estas palavras:

- Agora, meus amigos, pensemos no presente, o passado é o passado, mas o futuro é nosso; voltemos ao capitão Grant.

O almoço terminara; os convivas voltaram ao salão privado de Lady Glenarvan; ocuparam os seus lugares em redor de uma mesa carregada de mapas e de planos, e a conversa começou imediatamente.

- Minha querida Helena - disse Lorde Glenarvan -, quando subi a bordo, anunciei-lhes que, se os naufragos da Britannia não voltassem conosco, tínhamos mais que nunca a esperança de os encontrar. Da nossa passagem através da América resultou esta convicção, diria melhor, esta certeza: que a catástrofe não teve lugar nem nas costas do Pacífico, nem nas costas do Atlântico. Daí a consequência natural de que a interpretação

tirada do documento estava errada no que diz respeito à Patagônia. Felizmente, o nosso amigo Paganel, iluminado por uma súbita inspiração, descobriu o erro. Demonstrou que seguíamos uma via falsa e interpretou o documento de maneira a não deixar mais nenhuma hesitação no nosso espírito. Trata-se do documento escrito em francês, e peço a Paganel que o explique aqui, a fim de que ninguém fique com a mínima dúvida a este respeito. O sábio, intimado a falar, fê-lo imediatamente; dissertou

Sobre as palavras gonia e indi da maneira mais convincente; fez sair rigorosamente da palavra austral a palavra Austrália; demonstrou que o capitão Grant, ao deixar a costa do Peru para voltar à

Europa, fora levado, num navio desarvorado, pelas correntes meridionais do Pacífico até às costas australianas; finalmente, as suas engenhosas hipóteses, as suas mais subtis deduções, obtiveram a aprovação total do próprio John Mangles, juiz difícil em semelhante matéria e que não se deixava levar pelos desvios da imaginação.

Quando Paganel terminou a sua dissertação, Glenarvan anunciou que o Duncan ia navegar imediatamente em direção à Austrália.

Entretanto, o major, antes de ser dada ordem para rumar a leste, pediu para fazer uma simples observação.

- Fale, Mac Nabbs - respondeu Glenarvan.

- O meu objetivo - disse o major -, não é enfraquecer os argumentos do meu amigo Paganel, ainda menos refutá-los; considero-os sérios, sagazes, dignos de toda a nossa atenção, e devem com razão ser a base das nossas futuras investigações. Mas desejo que sejam sujeitos a um último exame a fim de que o seu valor seja incontestável e incontestado.

Não se percebia onde queria chegar o prudente Mac Nabbs, e os seus ouvintes escutavam-no com uma certa ansiedade.

- Continue, major - disse Paganel. -Estou pronto a responder a todas as suas perguntas.

- Nada de mais simples - disse o major. - Quando, há cinco meses, no golfo do Clyde, estudamos os três documentos, a sua interpretação pareceu-nos evidente. Nenhuma outra costa, a não ser a costa ocidental da Patagônia, podia ter sido o teatro do naufrágio. Não tínhamos sobre esse assunto dúvida alguma.

- Reflexão muito acertada - respondeu Glenarvan.

- Mais tarde - continuou o major -, quando Paganel, num momento de providencial distração, embarcou no nosso navio, os documentos foram-lhe apresentados e aprovou sem reservas as nossas buscas na costa americana.

- De acordo - respondeu o geógrafo.

- E contudo enganamo-nos - disse o major.

- Enganamo-nos - repetiu Paganel. - Mas para que alguém se engane basta ser homem, ao passo que é louco aquele que persiste no erro.

- Espere, Paganel - respondeu o major -, não se irrite. Não quero de modo algum dizer que devemos prolongar as nossas investigações na América.

- Então, que quer? - perguntou Glenarvan.

- Uma confissão, mais nada, a confissão de que a Austrália parece ser agora o teatro do naufrágio da Britannia com tanta evidência como antes parecia a América.

- Confessamos de bom grado - respondeu Paganel.

- Tomo nota - prosseguiu o major - e aproveito para levar a sua imaginação a desconfiar dessas evidências sucessivas e contraditórias. Quem sabe se, depois da Austrália, um outro país não nos oferecerá as mesmas certezas, e se, feitas inutilmente essas novas buscas, não parecerá evidente que devem ser recomeçadas algures?

Glenarvan e Paganel olharam um para o outro. As observações do major impressionavam-nos pela sua justeza.

- Portanto - continuou Mac nabbs -, gostava que se fizesse novo exame antes de rumar à Austrália. Estão aqui os documentos, estão aqui mapas. Examinemos sucessivamente todos os pontos pelos quais passa o paralelo 37 e vejamos se se encontraria outro país cuja indicação precisa estivesse no documento.

- Nada de mais fácil e rápido - respondeu Paganel -, porque, felizmente, as terras não abundam nessa latitude.

- Vejamos - disse o major, estendendo um planisfério inglês, traçado segundo a projeção de Mercator e que oferecia à vista todo o conjunto do globo terrestre.

A carta foi, colocada em frente de Lady Helena, e todos se puseram de maneira a seguir a demonstração de Paganel.

- Tal como já lhes disse - continuou o geógrafo -, depois de ter atravessado a América do Sul, o grau 37 de latitude encontra as ilhas Tristão da Cunha. Ora, insisto em que nenhuma das palavras do documento se pode referir a essas ilhas.

Examinados escrupulosamente os documentos, foram obrigados a reconhecer que Paganel tinha razão. Tristão da Cunha foi rejeitada por unanimidade.

- Continuemos - prosseguiu o geógrafo. - Saindo do Atlântico, passamos a dois graus abaixo do cabo da Boa Esperança e penetramos no mar das Índias. Na nossa rota só se encontra um grupo de ilhas, o grupo das ilhas Amsterdão. Submetamo-las ao mesmo exame de Tristão da Cunha.

Depois de um exame atento, as ilhas Amsterdão foram por sua vez eliminadas. Nenhuma palavra, completa ou não, francesa, inglesa ou alemã, se aplicava a este grupo do oceano Índico.

- Chegamos agora à Austrália - prosseguiu Paganel – o paralelo 37 encontra este continente no cabo Bernouilli; sai dele pela baía Twofold. Concordarão comigo, e sem forçar os textos, em que a palavra inglesa strá e a palavra francesa austral podem aplicar-se à Austrália. Isto é suficientemente evidente para que eu insista. -Todos aprovaram a conclusão de Paganel. Este sistema reunia todas as probabilidades em seu favor.

- Passemos adiante - disse o major.

- Passemos - respondeu o geógrafo -, a viagem é fácil. Ao deixarmos a baía Twofold, atravessamos o braço de mar que se estende a leste da Austrália, e encontramos a Nova Zelândia. Em primeiro lugar, lembro-lhes que a palavra contin do documento francês indica um «continente», de uma maneira irrefutável. O capitão Grant não pode pois ter encontrado refúgio na Nova Zelândia, que não passa de uma ilha. Seja como for, examinem, comparem, dêem volta às palavras e vejam se é possível aplicarem-se a esta nova região.

- De modo algum - respondeu John Mangles, que fez uma minuciosa observação dos documentos e do planisfério.

- Não - disseram os ouvintes de Paganel e o major -, não, não pode tratar-se da Nova Zelândia.

- Agora - continuou o geógrafo -, em todo este imenso espaço que separa esta grande ilha da costa americana, o paralelo 37 só atravessa uma ilhota árida e deserta.

- Que se chama?.. - perguntou o major.

- Veja o mapa. É Maria Teresa, nome do qual não encontro qualquer vestígio nos três documentos.

- Nenhum - respondeu Glenarvan.

- Deixo-os, meus amigos, decidirem então se todas as probabilidades, para não dizer certezas, não são a favor do continente australiano.

- Evidentemente - responderam unanimemente os passageiros e o capitão do Duncan.

- John - disse então Glenarvan -, tem víveres e carvão em quantidade suficiente?

- Sim, Vossa Honra, abasteci-me consideravelmente em Thalcahuano e, aliás, a cidade do Cabo permitir-nos-á renovar muito facilmente o nosso combustível.

- Pois bem, então dê o rumo...

- Só mais uma observação - disse o major, interrompendo.

- Diga, Mac Nabbs.

- Sejam quais forem as garantias de êxito que a Austrália nos oferece, não seria conveniente parar

um ou dois dias nas ilhas Tristão da Cunha e de Amsterdão? Ficam situadas no nosso percurso e não se afastam de modo algum da nossa rota. Saberemos então se a Britannia deixou aí algum vestígio do naufrágio.

- O incrível major - exclamou Paganel - insiste nisso!

- Insisto sobretudo em não voltar para trás se a Austrália por acaso, não corresponder às esperanças que inspira.

- Parece-me uma boa precaução - respondeu Glenarvan.

- E não serei eu a dissuadi-los de a tomar – respondeu Paganel. - Pelo contrário.

- Então, John - disse Glenarvan -, faça rumo a Tristão da Cunha.

- É para já, Vossa Honra - respondeu o capitão, e voltou à coberta, enquanto Robert e Mary Grant dirigiam as mais afetuosas palavras de reconhecimento a Lorde Glenarvan.

Em breve, o Duncan, afastando-se da costa americana e rumando para leste, fendia com a sua rápida roda de proa as vagas do oceano Atlântico.

II

TRISTÃO DA CUNHA

Se o iate tivesse seguido a linha do equador, os 196 graus que separam a Austrália da América, ou para melhor dizer, o cabo Bernouilli do cabo Corrientes, teriam valido onze mil Setecentas e sessenta milhas geográficas 1, mas, no paralelo 37, estes cento e noventa e seis graus, dada a forma do globo, representam apenas nove mil quatrocentas e oitenta milhas. Da costa americana a Tristão da Cunha contam-se duas mil e cem milhas 3, distância que John Mangles esperava percorrer em dez dias se os ventos de leste não atrasassem o andamento do iate. Ora, teve precisamente razão para ficar satisfeito, porque, para a noite, a brisa acalmou bastante, depois mudou e o Duncan pôde exibir num mar tranqüilo as suas incomparáveis qualidades.

*1 4900 Léguas.

2 4000 Léguas.

3 875 léguas.

Os passageiros retomaram nesse mesmo dia os hábitos de bordo. Parecia que não tinham abandonado o navio durante um mês. Depois das águas do Pacífico, as águas do Atlântico

estendiam-se ao seu olhar e, com pequenas diferenças, todas as ondas se pareciam. Os elementos, depois de os terem tão penosamente posto à prova, uniam agora os seus esforços para os favorecer. O oceano estava tranqüilo, o vento soprava de feição e todo o pano do navio, tendido pelas brisas do Oeste, veio auxiliar o infatigável vapor armazenado na caldeira.

Esta rápida travessia realizou-se portanto sem acidentes nem incidentes. Esperavam com confiança a costa australiana. As probabilidades transformavam-se em certezas. Falava-se do capitão Grant como se o iate o fosse buscar a um porto determinado. O seu camarote e os beliches dos dois companheiros foram preparados a bordo. Mary Grant deleitava-se em arrumá-lo com as suas próprias mãos, em embelezá-lo. Fora-lhe cedido pelo Sr. Olbinett, que partilhava atualmente o quarto da Sr.a Olbinett. Este camarote confinava com o famoso nº 6, reservado a bordo do Scotia por Jacques Paganel.

O sábio geógrafo estava sempre aí fechado. Trabalhava de manhã à noite numa obra intitulada *Sublimes Impressões de Um Geógrafo na Pampásia Argentina*. Ouviam-no pronunciar com uma voz comovida os períodos elegantes antes de os confiar às brancas páginas do seu diário, e mais de uma vez, infiel a Clio, a musa da história, invocou nos seus transportes a divina Calíope, que preside às grandes coisas épicas.

Aliás, Paganel não se escondia delas. As castas filhas de Apolo abandonavam de bom grado por ele os cumes do Parnasso ou do Hélicon. Lady Helena felicitava-o sinceramente por isso. O major também o felicitava por essas visitas mitológicas.

- Mas, sobretudo - acrescentava -, nada de distrações, meu caro Paganel, e se, por acaso, se lembrar de aprender o australiano, não vá estudá-lo numa gramática chinesa!

Tudo corria, pois, perfeitamente a bordo. Lorde e Lady Glenarvan observavam com interesse John Mangles e Mary Grant. Nada tinham a dizer e, decididamente, dado que John também não falava disso, mais valia não fazer caso.

- Que pensará o capitão Grant? - perguntou, um dia, Glenarvan a Lady Helena.

- Pensará que John é digno de Mary, meu caro Edward, e não se engana.

Entretanto, o iate navegava rapidamente para o seu rumo. Cinco dias depois de ter perdido de vista o cabo Corrientes, a 16 de Novembro, fizeram-se sentir brisas frescas de oeste, essas mesmas que tanto favorecem os navios que dobram a ponta africana contra os ventos regulares do sudeste. O Duncan largou todo o pano e com o traquete, vela grande, velacho, joanete, varredouras, gafetope e velas de estai, correu de vento em Popa com audaciosa rapidez. A sua hélice mal cortava as águas fugidias que a roda de proa fendia e parecia que lutava então com os iates de corrida do Roy-es-Club.

No dia seguinte, o oceano mostrou-se coberto de enormes bodelhos, semelhante a um vasto lago obstruído pelas ervas. Dir-se-ia um desses mares de sargaços formados com todos os restos de árvores e de plantas arrancadas aos continentes vizinhos.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

